

O índice de preço dos alimentos vai continuar elevado?

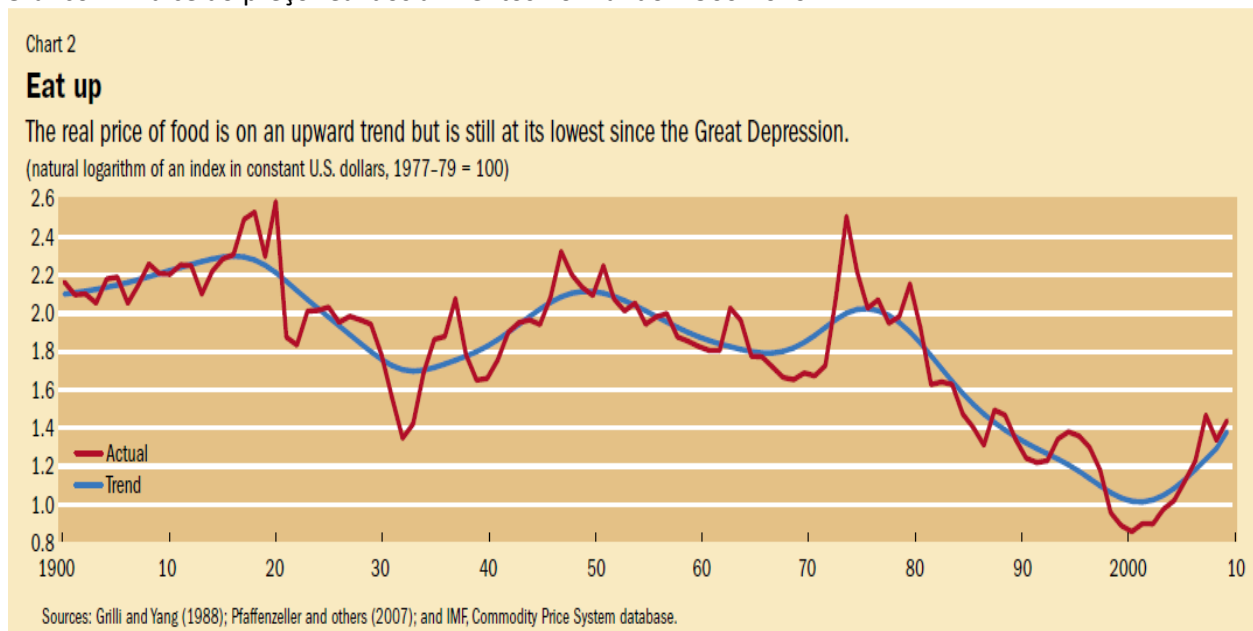
José Eustáquio Diniz Alves¹

O índice de preços dos alimentos da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) atingiu seus níveis mais elevados do atual século no primeiro semestre de 2011. Nos meses de setembro a novembro houve uma ligeira queda devido à menor demanda provocada pela crise da Europa e dos Estados Unidos e pela desaceleração da economia internacional. A pergunta que mais interessa para as próximas décadas é se o índice de preço dos alimentos vai continuar elevado?

Na avaliação do novo diretor-geral da FAO, José Graziano, o preço da comida deve se manter elevado nos próximos anos. De fato, o mundo está diante de uma situação nova, pois no século passado houve uma queda do preço dos alimentos, a despeito do alto crescimento econômico e populacional. O gráfico 1 mostra que o índice de preços deflacionados caiu pela metade durante o século XX (de cerca de 2 para um índice ao redor de 1), tendo subido significativamente apenas durante as duas grandes guerras e no período 1974-1980, devido às guerras do Yom Kippur e Irã-Iraque, com a consequente elevação do preço do petróleo.

De fato, não deixa de ser surpreendente que o preço dos alimentos tenha caído pela metade enquanto a população cresceu 4 vezes e o PIB mundial cresceu cerca de 18 vezes entre 1900 e 2000. Ou seja, além do maior volume de população, o poder médio de consumo per capita mundial cresceu cerca de 4,5 vezes no século XX, enquanto os preços da comida se reduziram.

Gráfico 1: Índice do preço real dos alimentos no mundo: 1900-2010



Fonte: Helbling, Thomas & Roache, Shaun. Rising Prices on the Menu and, FMI, F & D, v. 48, março 2011

¹ Doutor em Demografia e Professor titular da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE/IBGE. Apresenta seus pontos de vista em caráter pessoal. E-mail: (jed_alves@yahoo.com.br). Artigo publicado no dia 03/01/2012em Aparte Inclusão Social em Debate: <http://www.ie.ufrj.br/aparte/>

A queda do preço dos alimentos foi um elemento fundamental para o crescimento da população, da urbanização e para o aumento da esperança de vida média da população mundial, que passou de cerca de 30 anos, em 1900, para mais de 60 anos, no ano 2000. Nunca na história da humanidade houve uma duplicação da esperança de vida ao nascer no período de 100 anos. Isto não teria acontecido sem a maior disponibilidade de comida e a melhoria na dieta alimentar. Autores como Nunn e Qian (2011) mostram que o desenvolvimento da produção de batatas foi responsável por 25% do crescimento da população e da urbanização na Europa nos séculos XVIII e XIX.

Diversos avanços tecnológicos, a melhoria dos transportes e a chamada “revolução verde” contribuíram para a grande redução dos preços dos alimentos no século XX. Porém, o fator mais decisivo parece ter sido a queda do preço do petróleo. Os estudos mostram que o grande crescimento populacional e econômico do século XX só foi possível devido à eficiência energética do óleo negro e os baixos preços que predominaram até recentemente. Ricardo Abramovay, no artigo “Desafios da economia verde” (27/06/2011) diz o seguinte: “Nos anos de 1940, cada unidade de energia investida para produzir petróleo rendia o equivalente a 110 unidades de energia. Ao longo do século 20, esses retornos foram declinando. A estimativa internacional para exploração em plataformas de alto mar, como o pré-sal, hoje, é de um para dez (...) O crescimento demográfico e econômico do século 20 teria sido impossível sem esse escravo barato”.

De fato, o gráfico 2 apresenta o índice de preço dos alimentos e dos combustíveis fósseis, no mundo, entre 1957 e 2010 e mostra que existe uma alta correlação entre as duas séries. A queda do preço dos alimentos após a Segunda Guerra coincide com os cerca de 30 anos do preço muito baixo do petróleo. A subida do preço dos alimentos após 1974 e o nível elevado até 1980 coincidiu com as guerras e a instabilidade política que jogaram o preço do petróleo para cima.

A queda sem precedente do preço dos alimentos nas duas últimas décadas do século passado coincide também com a queda impressionante do preço do petróleo que atingiu o seu preço real mais baixo em 1998. Na virada do milênio, o mundo pôde comemorar os baixos preços dos alimentos e da energia. Porém, desde 2003, os preços de petróleo começaram a subir atingindo um pico em 2008, caindo em 2009 devido à crise financeira internacional e voltando a subir em 2010.

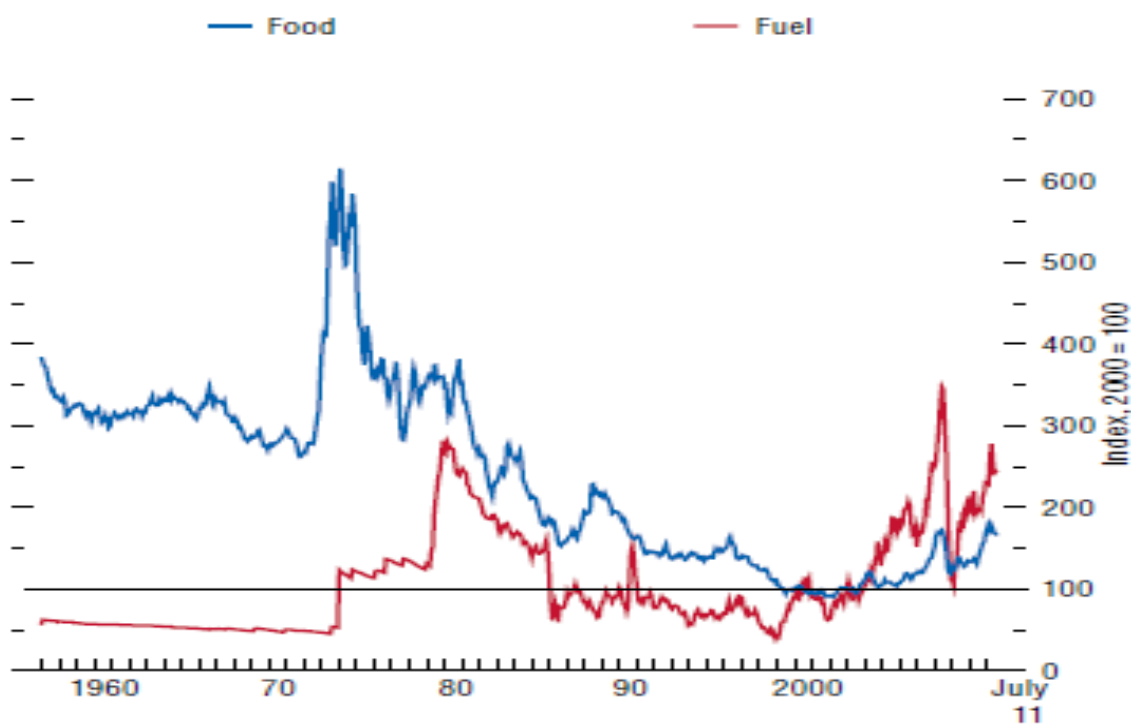
O petróleo, segundo diversos estudos, parece ter atingido o “Peak Oil”, em 2008, e a oferta mundial deverá se estabilizar e ficar atrás da demanda nos próximos anos, enquanto a procura mundial deve continuar aumentando. Concomitantemente, a nova dinâmica econômica do século XXI aponta para um crescimento mais acelerado das economias emergentes (e mais populosas) em relação às economias avançadas. Este processo tende a aumentar muito a demanda de petróleo e alimentos. Se estas tendências continuarem, o mundo terá um grande desafio nas próximas décadas que é lidar com o aumento do preço básico das commodities.

Como o petróleo é uma fonte não renovável de energia, a oferta vai ter dificuldade de acompanhar a demanda se não houver uma grande recessão internacional nos próximos anos. Em um quadro de crescimento da economia internacional, somente o desenvolvimento de outras fontes de energia (como a energia solar, eólica, das ondas, etc.) poderá aliviar as tendências de alta do preço dos alimentos. O

aumento da produção de biocombustíveis pode, por um lado, aliviar o aumento do preço do petróleo, mas, por outro, tende a competir com a produção de meios de subsistência e pode ser um fator a mais de pressão sobre o preço dos alimentos.

No final do mês de junho de 2011 o preço do petróleo teve uma redução, especialmente depois que os Estados Unidos e a Agência Internacional de Energia (AIE) liberaram parte das reservas estratégicas de petróleo, devido à crise na Líbia. Isto deu um alívio temporário nos preços e na pressão inflacionária que estava se espalhando por quase todos os países do mundo. Mas no mês de novembro de 2011 o preço internacional do petróleo voltou a subir e permanece entre 2 e 2,5 vezes maior do que estava em 2003.

Gráfico 2: Índice de preço do alimentos e dos combustíveis fósseis, mundo: 1957-2010



Sources: Haver Analytics; and IMF staff calculations.

Fonte: WEO, FMI, cap. 3, setembro 2011

Energia cara implica em comida cara. A FAO calcula que até 2050 a produção de alimentos terá de crescer 70% para alimentar os estimados 9 bilhões de habitantes do planeta. Seria necessário uma reforma do sistema agrícola global para aumentar a oferta de comida. Mas em qualquer cenário, o mundo vai ter que enfrentar o aumento do custo da produção, devido ao aumento do preço da energia e devido à combinação de perda de fertilidade das terras e águas, em um quadro de mudanças climáticas e de aquecimento global.

Portanto, cabe a pergunta: o que mudou do final do século passado para o século atual?

Por um lado, houve aumento da demanda, já que tem crescido a parcela da população mundial que tem maior poder de compra de alimentos mais proteicos. Segundo dados da Goldman Sachs (2008) a classe média mundial cresceu de cerca de 1 bilhão de pessoas em 1970 para 1,5 bilhão no ano 2000, representando um aumento de 50% em 30 anos. Porém, a classe média mundial chegou a 2,5 bilhões de pessoas em 2010, representando um aumento de 67% em apenas 10 anos. Em grande parte devido ao “sucesso econômico” da China e da Índia, as estimativas apontam para uma classe média mundial de mais de 5 bilhões de pessoas em 2030. Se isto se confirmar, a demanda por alimentos ricos em proteína vai crescer muito nas próximas duas décadas.

Por outro lado, tem aumentado a escassez das fontes de energia fóssil que serviram de combustível para o grande crescimento econômico do século XX. As reservas conhecidas de petróleo não crescem suficientemente e os novos campos que estão sendo explorados em águas profundas são caros e provocam o aumento do preço final do produto. Como visto, o aumento do preço do petróleo e da energia tem um grande impacto no preço dos alimentos. Além disto, os problemas de erosão do solo, da desertificação de terras agricultáveis, o sobre-uso dos aquíferos, a salinização das águas dos rios e a acidez das águas dos oceanos diminui a fertilidade das fontes de vida. Para agravar a situação, crescem as enchentes e secas extremas - provocadas pelas mudanças climáticas – o que diminui a produção e a oferta de alimentos.

Assim, se, no longo prazo, os preços dos alimentos mantiverem a tendência da última década, uma parcela expressiva da população mundial vai ter dificuldades para garantir o direito à segurança alimentar. A combinação de escassez do petróleo com degradação ambiental pode indicar um cenário de continuidade do aumento do preço dos alimentos, prejudicando especialmente as parcelas pobres das populações dos países que não possuem auto-suficiência alimentar. Em síntese, a fome no mundo pode aumentar, contrariando as metas de redução propostas nos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio, da ONU.

Alguns analistas consideram que um aumento do preço dos alimentos levaria ao aumento das taxas de mortalidade. Porém, esta situação que já aconteceu no passado, especialmente antes da Revolução Industrial, não deve se repetir em larga escala atualmente, pois o nível de acesso aos alimentos e de renda da população mundial é bem maior do que há 100 ou 200 anos atrás. Um cenário provável é a população pobre ser forçada a desembolsar uma parcela maior da renda disponível para o gasto com alimentação. Evidentemente, isto pode aumentar os níveis de insegurança alimentar e até de desnutrição. Mas dificilmente haveria uma crise de mortalidade ao estilo malthusiano.

Desta forma, o aumento da demanda por alimentos e a pauperização dos recursos naturais serão fatores de pressão no sentido de elevar o preço da comida e dos meios de subsistência. O governo e o agronegócio no Brasil podem até comemorar o aumento dos preços, pois isto vai aumentar a renda dos produtores rurais do país, além de aumentar o valor das exportações e o saldo cambial do setor. Mas as populações mais vulneráveis vão sofrer, principalmente naqueles países ou regiões que são pobres e não possuem auto-suficiência na produção de alimentos.

Referências:

ABRAMOVAY, Ricardo. Desafios da economia verde. Folha de São Paulo, 27/06/2011.

ALVES, J.E.D. O aumento do preço dos alimentos, crescimento da população e degradação ambiental.

SCRIBD, Rio de Janeiro, 23/10/2011. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/69975379/O-aumento-do-preco-dos-alimentos-crescimento-da-populacao-e-degradacao-ambiental>

FAO: Food Price Index. Disponível em: <http://www.fao.org/worldfoodsituation/wfs-home/foodpricesindex/en/>

FMI: World Economic Outlook (WEO), setembro de 2011. Disponível em:

<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2011/02/index.htm>

HELBLING, Thomas & ROACHE, Shaun. Rising Prices on the Menu and, FMI, F & D, v. 48, março de 2011

<http://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2011/03/helbling.htm>

Index mundi: <http://www.indexmundi.com/commodities/?commodity=crude-oil-brent&months=300>

SACHS, Goldman, The Expanding Middle: The Exploding World Middle Class and Falling Global

Inequality. Global Economics Paper No: 170, June 7, 2008. Disponível em:

<http://www2.goldmansachs.com/korea/ideas/global-growth/the-expanding-middle.html>

NUNN, Nathan, QIAN, Nancy. The potato's contribution to population and urbanization: evidence from a historical experiment. Oxford journals, The Quarterly Journal of Economics (2011) 126, 593–650.

Disponível em: <http://qje.oxfordjournals.org/content/early/2011/06/27/qje.qjr009.full>